

## AS REPRESENTAÇÕES DA LINGUAGEM DIGITAL DOS ESTUDANTES DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO – UNIVASF

Geida Maria Cavalcanti de Souza<sup>\*</sup>

Gleice de Oliveira Cordeiro<sup>\*\*</sup>

Jackeline Maria de Souza<sup>\*\*\*</sup>

**RESUMO:** Este estudo objetivou observar as representações da linguagem digital e suas características no contexto virtual. Pontuou-se o que é peculiar a essa grafia utilizada na produção escrita e sua relação com a subjetividade, além de analisar a sua influência na produção acadêmica. Fez-se uma reflexão dos *e-mails* enviados e recebidos e também dos questionários aplicados a trinta discentes do curso de Psicologia da UNIVASF. As mudanças identificadas na escrita ficaram restritas ao ciberespaço e consistem em abuso de pontuação, supressão de vogais, substituição de algumas letras por outras que representem o mesmo fonema, uso de ícones para expressar sentimentos; logo levam a inferir que as pessoas conseguem discernir o espaço que permite a escrita virtual, contemplando a flexibilidade da linguagem em conformidade com o contexto utilizado.

**PALAVRAS-CHAVES:** *Internet*; Linguagem Virtual; Produção Acadêmica; Subjetividade.

### THE FEDERAL UNIVERSITY OF VALE DO SÃO FRANCISCO PSYCHOLOGY STUDENT'S REPRESENTATIONS OF THE DIGITAL SPEECH

**ABSTRACT:** The objective of this study was to observe the representations of the digital speech and its characteristics in a virtual context. It was punctuated that it is peculiar to this spelling used for writing production and its subjectivity relation, even analyzing its influence in the academic production. It was done a reflection from the sent and received emails and also the applied questionnaires to the thirty psychology students from UNIVASF. The identified changes in writing were restricted to the cyber space and consist in a punctuation abuse, abolition of vowels, the substitution of some letters by others with the same phoneme, the use of icons to express feelings; right then the study infer that people can discern the space that allows the virtual writing, contemplating the speech flexibility in the used context.

**KEYWORDS:** Virtual Speech; Internet; Academic Production; Subjectivity.

### INTRODUÇÃO

A linguagem manifesta o ser relacional do homem. Por meio das palavras, os sentidos e significados serão buscados pela mediação como um material do qual é preciso aprender a se servir. “O ato de escrever (simbolizar) permite compartilhar aquilo que viu, e ao ler compreende-se que o outro viu” (SILVA, 2002, p. 62). É nesse situar-se contínuo que se coloca toda a busca do “ser”. A citação que se segue reafirma o contexto apresentado: “Analisando na íntegra o valioso sentido das palavras, é necessário cultivar sua importância como leque principal de união entre os

humanos, através da escrita, registros de fatos históricos entre povos e nações, estão presentes até os dias atuais” (COSTA, 2004, p. 4).

Diversos autores têm se preocupado com o estudo da subjetividade, a qual pode ser entendida como um processo de organização de sentidos subjetivos que se relacionam diretamente com as experiências vivenciadas pelo sujeito e a forma como este as interpreta e lhes atribui significados (GONZÁLEZ REY, 2005; BOCK, 2002; BOCK; GONÇALVES, 2005; MADUREIRA; BRANCO, 2005).

Esse processo de subjetivação está além do próprio sujeito, ele deve ser considerado como um ser contextualizado, em que segmentos

<sup>\*</sup> Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES; Docente do colegiado de Psicologia na disciplina Comunicação e Expressão da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF. E-mail: geida.cavalcanti@univasf.edu.br

<sup>\*\*</sup> Discente do curso de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. E-mail: gleicinha\_ju@hotmail.com

<sup>\*\*\*</sup> Discente do curso de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. E-mail: Jack\_maria1@hotmail.com

podem influir nas futuras transformações de si mesmo e do meio em que se está inserido. Assim, a língua, como as demais instâncias subjetivas, irá passar por sua própria natureza dinâmica. Hoje isto é nitidamente observado com a internet:

O advento da *internet* trouxe uma cultura divergente da norma culta da língua, que vai ao encontro da maneira como o povo fala, abreviando e simplificando a comunicação. Nesses dias que correm, a *internet* modificou de maneira substancial os hábitos de escrita, a tal ponto que podemos perguntar se esses hábitos serão incorporados à língua escrita cotidiana (BITTENCOURT, 2004, p. 11).

Em sua dinamicidade, a língua também acompanha a tecnologia. Sua evolução é tão rápida que a grande maioria das pessoas, em algum momento, já esteve em contato com as tecnologias de informação. Com o advento da *Internet*, escrever ficou ainda mais prático, e a comunicação torna-se mais e mais sensorial, rompendo com a linearidade da escrita. O *ciberspaço* é certamente um dos futuros da leitura e da escrita, e é nessa perspectiva que para ele dirigimos nossa atenção.

O uso da *internet* possibilita fazer pesquisas, ler notícias, ver imagens, “visitar” museus e bibliotecas, conhecer e “bater papo” com pessoas do mundo inteiro, havendo uma verdadeira desterritorialização. Por meio desse processo é possível a comunicação entre dois ou mais computadores, por meio do correio eletrônico<sup>1</sup>.

Por tudo isso, Levy (1996 apud SOUZA, 2001) diz que considerar o computador apenas como um instrumento a mais para produzir textos, sons ou imagens sobre um suporte fixo é o mesmo que negar sua fecundidade propriamente cultural, ou seja, o aparecimento de novos gêneros ligados à interatividade.

Segundo Bittencourt (2004), mais de um milhão de pessoas utilizam no Brasil esse meio de comunicação, seja por conversas em tempo real, como o *MSN* e o *bate-papo*, ou por *e-mails*. Essa nova maneira de comunicar-se através da escrita, segundo os internautas, gerou um novo prazer no ato de escrever, principalmente pela presença de duas características marcantes: a forma de escrita rápida e a ausência de regras (como acentuação).

Embora a novidade e originalidade sejam atraentes, é preciso ressaltar que podem trazer prejuízos diante de uma situação que exija a forma culta, como a elaboração de uma dissertação para concurso ou vestibular, pelo restrito vocabulário ou até mesmo pelo desuso da ortografia e da pontuação. Mas ao longo da história, algumas mudanças foram propostas a partir da

necessidade e do uso da população, já se encaixam na forma padrão, como a palavra cinematógrafo, que se tornou cinema e depois cine, e pode ainda, um dia quem sabe, tornar-se “ci”<sup>2</sup>.

Há, ainda, a criação de ortografia própria nesta comunicação virtual. Sem dúvida, na *Internet*, a escrita voltou a ser usada com mais frequência, pela proximidade com a língua oral e pela incrível possibilidade de se comunicar com pessoas do mundo inteiro por um meio de comunicação prático e barato. É importante saber o que caracteriza essa escrita:

As características da escrita no meio virtual são várias: o uso de letras maiúsculas objetiva chamar a atenção do leitor; as carinhas da *internet* ou *emoticons* demonstram os sentimentos das pessoas naquele instante que escreve; os apelidos ou *nicknames* indicam como as pessoas se vêem ou como gostariam que fossem vistas (FERNANDES, 2003, p. 5).

Assim, as práticas de ensino na área de língua mostram que é fundamental estudar a relação do sujeito e sua escrita, conhecendo o contexto da produção. As atividades desenvolvidas como docente me despertaram algumas inquietações, entre elas: quais as representações da linguagem digital dos estudantes do curso de Psicologia da UNIVASF?

Como é por meio da pesquisa que o professor repensa a sua prática pedagógica e constrói novas possibilidades no processo ensino-aprendizagem, o estudo oferece subsídios que contribuirão para novas experiências de ensino na área de comunicação e expressão, especificamente no curso de Psicologia.

Esta pesquisa propõe-se a analisar as representações da linguagem digital dos estudantes do curso de Psicologia, caracterizar o perfil da escrita virtual, construir unidades de sentidos acerca dos *e-mails* dos estudantes e relacionar a subjetividade com a produção textual no âmbito de *e-mails* na *internet*.

Trata-se de um tema de grande relevância para a sociedade atual, uma vez que a língua, em suas diversas formas, é algo vivo e dinâmico, como é também o código utilizado pelo ser humano para se comunicar com seus semelhantes, trocar informações, difundir suas idéias e conceitos. O uso da escrita desenvolveu a comunicação entre os homens, permitindo-lhes superar as barreiras do tempo na recepção de mensagens, facilitou o intercâmbio de informação, além de ajudar muito no desenvolvimento intelectual do ser humano (SOUZA, 2001).

<sup>1</sup> O correio eletrônico deu origem a um novo gênero textual, o *e-mail* (pronuncia-se imêil), que apresenta características de outros gêneros textuais, como o memorando, a carta, o bilhete, a conversa face a face e a conversa telefônica. Quanto à forma, o *e-mail* assemelha-se ao memorando (...). Da carta, tomou de empréstimo as fórmulas de abertura e fechamentos, da conversa telefônica, a rapidez e a possibilidade de contato entre pessoas que se encontram geograficamente distantes (CEREJA; MAGALHÃES, 2005, p. 19).

<sup>2</sup> O exemplo citado foi tirado de um texto, uma “corrente”, que circulou pelos e-mails na internet. O autor é desconhecido.

## 2 METODOLOGIA

A presente pesquisa é um estudo exploratório, tipo que Gonsalves (2003) define como “desenvolvimento e esclarecimento de idéias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, ou seja, uma primeira visão, uma espécie de aproximação a um determinado fenômeno”. Este trabalho foi realizado a partir da análise de *e-mails* enviados por 10 alunos de cada turma de Psicologia, 30 alunos ao todo (1º, 2º e 4º - únicas turmas no período letivo 2006.2), escolhidos de forma aleatória entre todos os discentes regularmente matriculados e com frequência assídua no curso citado da Univasf.

Os estudantes tomaram conhecimento do referido projeto a partir da visita das pesquisadoras às salas de aula e por meio de conversas informais e dos documentos, e o estudo atendeu às exigências da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Após recolher os *e-mails* sem nenhum tipo de identificação, ou os reencaminhados de forma oculta para um *e-mail* criado especialmente para tal procedimento, houve a elaboração de um questionário, que teve como finalidade a apreensão dos sentidos atribuídos às palavras e expressões utilizadas nas mensagens enviadas e recebidas pelos estudantes.

A organização dos dados se deu por meio da apreensão dos sentidos, seguindo-se a construção das unidades de significado e, por último, a criação das categorias de análise, baseada na análise de conteúdo<sup>3</sup>, abrangendo a explicitação, sistematização e expressão do conteúdo de mensagens, tendo como suporte Bardin (1979).

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao tentar compreender o homem de uma forma contextualizada, quanto às questões da subjetividade, é impossível não considerar a importância da linguagem, visto que é nela que o homem se encontra e obtém uma noção de sujeito ativo, intencional e consciente de si mesmo, como afirma Vygotsky (2003), capaz de formar um pensamento interiorizado. Segundo Bakhtin (1992 apud SIMÕES, 2007), a linguagem surgiu da necessidade de comunicação e de trabalhar coletivamente.

É também por intermédio da linguagem que se dá a autonomia do sujeito, mas que também, paradoxalmente, o seu pensamento e suas ações são delimitados a partir de significados acumulados ao longo de sua história. Assim se processa a evolução humana, caso contrário se teria que redescobrir o fogo, a roda e todos os recursos herdados que nos beneficiam.

Passamos, destarte, a ver a subjetividade como uma síntese singular individual, que vai se constituindo conforme ocorre o desenvolvimento e vivência das experiências de vida cultural e social, sendo única por um lado e compartilhada por outro, pois os elementos que a constituem são

experienciados no campo comum da objetividade social. Essa síntese é um mundo de idéias, significados e emoções construídos pelo sujeito a partir de sua história de vida, da sua contextualização e de sua constituição biológica. É por isso que Geraldi (2000 apud DEFILLIPPO et al., 2005) afirma que a linguagem emerge como mediadora e como produto final da subjetividade, a qual se dá no plano interindividual e se torna intra-individual.

É ingenuidade pensar que a escrita é um trabalho aleatório e sem intencionalidade. Embora aquele que escreve não esteja defronte do leitor, existe nas entrelinhas a preocupação com o entendimento da mensagem: como ela é estruturada, se ela realmente está clara e apta para cumprir sua função de interação. Assim, a escrita é uma atividade interativa, pois há um envolvimento entre o locutor e o receptor para que ambos possam comungar das idéias, informações e intenções desejadas a partir de um conteúdo e um objetivo *a priori* escolhido.

Nesse contexto, a escrita foi a grande escolhida para o estabelecimento das relações interpessoais na atualidade. Por exemplo, o computador e a *internet* fizeram um “casal perfeito”, pois possibilitaram a criação de um grande terreno virtual onde praticamente não existem fronteiras. Nesse espaço, segundo Marques (1999 apud DEFFILLIPPO et al., 2005), a interação se dá de forma triádica, pois envolve o indivíduo interativo, a máquina e o outro, que juntos se pluralizam de acordo com o número de cadastrados no endereço eletrônico.

Como na atualidade se vive a era da agilidade, instantaneidade e rapidez, a própria escrita se adequou a esse contexto. Para tanto, algumas modificações foram necessárias, como: desprendimento das regras gramaticais e tradução de sentimentos por ícones, o que pode ser confirmado com base nos *e-mails* cedidos pelos alunos colaboradores dessa pesquisa. A principal mudança foi o uso excessivo de pontuação, principalmente dos pontos de exclamação, interrogação e reticências, indicando apelo e pausa. Apesar de não haver um padrão para o “*internetês*”, como é chamada por alguns estudiosos a grafia usada na *web*, este pode ser estruturado para melhores fins didáticos.

### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCRITA DOS INTERNAUTAS

Chartien (1997 apud JUSTI, 2006), fazendo um apanhado histórico acerca dos diferentes caminhos que a escrita traçou até chegar ao texto eletrônico, notou que antigamente o texto escrito era “impresso” em um rolo de papiro ou pergaminho, portanto o leitor era obrigado a usar as duas mãos para segurar e desenrolar o documento, o que tomava o ato de ler um tanto cansativo e desestimulante. Mais tarde apareceram as folhas dobradas, que eram costuradas e protegidas por uma encadernação, de forma similar aos livros que existem hoje. Só com a invenção do códex é que o texto foi organizado em páginas numeradas e se passou a usar índices:

<sup>3</sup> “Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens” (BARDIN, 1979, p. 42).

Graças a esses novos recursos, um sumário e um índice de assuntos em ordem alfabética podiam ser preparados, e referências de uma parte a outra podiam ser feitas dentro dos capítulos. O livro que antes só podia ser lido em sua totalidade, agora podia ser aberto ao acaso, a idéia da consulta adquiriu um novo sentido para o conhecimento (CHARTIEN, 1997 apud JUSTI, 2006).

Nesse sentido, a escrita cibernética, de acordo com Nicola (2004 apud JUSTI, 2006), é a construção de um texto que se apresenta na tela como uma grande faixa que se expande no sentido vertical, e nesse sentido deixa de ser linear como eram os manuscritos utilizados nos rolos. Essa nova forma de escrever incorpora uma tecnologia capaz de facilitar a localização de conteúdos específicos com eficiência, rapidez e confiabilidade.

A língua escrita dos internautas não tem a precisão exigida pelas normas gramaticais, é mais uma das inúmeras variantes de uso de nossa língua, pois, como reafirma Barbosa (2004, p. 7), "A língua não é imutável". Mas é bom frizar que não existe a necessidade de se utilizar esse modo informal e reduzido de escrever; pode-se usar a escrita padrão e ninguém é discriminado por ser um pouco mais formal (CAIADO, 2003).

O quadro abaixo mostra as principais características dessa escrita, evidenciadas a partir dos *e-mails* cedidos para a pesquisa; escrita que por alguns é tida como original e por outros como ameaçadora.

**Quadro 1.** Caracterização da escrita utilizada na *internet* e alterações com relação à língua portuguesa padrão.

ALTERAÇÕES	EXEMPLOS
Sons de letras iniciais associadas a números e símbolos matemáticos	<i>D+, D-, 9dades, 100compromisso, 10preocupado.</i>
Troca do Ç, S e CH pela letra K.	<i>xata, xorei, danxa, xêro, coraxaum.</i>
Utilização de palavras incompletas	<i>Facul, prof, miga.</i>
Indicar sensações entre parênteses	<i>(brincadeira), (adorei), (xolei).</i>
Expressões reduzidas a uma palavra	<i>Fds(fim de semana), tdb(tudo de bom)</i>
Troca da terminação <i>ndo</i> por <i>ndu</i> e <i>nu</i>	<i>Inu, fazenu, fofokandu, lendu.</i>
Supressão das vogais	<i>Msm, d, vc, mt, rpz, tb, dps, bj, pq, qnd, qm, bjux</i>
Substituição do acento agudo nas monossílabas Tônicas pela letra H	<i>Lah, ateh, jah, olah, tah, eh, soh.</i>
Substituição do sinal de nasalização til (~)Pelas letras "AUM"	<i>Naum, saum, coraxaum, estavaum, feriadaum, entaum, beijuam, eskeceraum, tardaum.</i>
Substituição do QU pela letra K	<i>Fik, kem, akele, bjkas, ksa, kd, nuk, dakele.</i>
Onomatopéias	<i>Afff, ahuiahuiahi, buááá, hehehehe, kkkk, xauuzz,</i>
Alongamentos	<i>Amuuuuuuuuu, durmiiiiiiiiiii, linduuu, beeeem,</i>

Essa maneira de escrever, embora seja considerada livre, varia de acordo com o destinatário da mensagem. Observou-se em *e-mails* referentes a assuntos acadêmicos que os estudantes do curso de

Psicologia da Univasf não fazem uso desse tipo de grafia utilizado na *web*, mas ele é bastante utilizado para a comunicação entre os íntimos:

"mas amiga e vc hein? Fica assim deprê nao q nao ale a pena...eu qng cheguei aqui recebi uns scraps de X...vc viu? falando q tava morrendo de sdsss...(....)uma loucuraa viu? fica bem e se cuida! bjaoo e sds!" (L.T.)

"Seguem os modelos da Carta de Encaminhamento de vocês e da Carta de Aceite para ser preenchida e encaminhada pela instituição concedente do estágio (orientam que deve ser em papel timbrado)". Se quiserem acrescentar alguma coisa, enviem a sugestão via e-mail, ok? Qualquer dúvida estarei a disposição."(H.G.)

Essa escrita varia de acordo com o destinatário da mensagem, e é comum encontrar pessoas com dificuldades em compreender alguns de seus amigos ou/ conhecidos quando estão em bate-papo na *internet*, devido à rapidez nas conversas e ao modismo da escrita. Isso leva a inferir que muitas pessoas estão em contato com o "internetês" mas ainda não se apropriaram dele, por isso têm certa estranheza com os termos. A educadora Maria Thereza Freitas (2007) explica que isso pode ocorrer, pois:

Ela (a escrita) é produzida de forma a tornar o discurso atraente, interessante e dinâmico para os interlocutores. A preocupação principal é manter o contato. Pela natureza da relação e pelas condições de produção, os interlocutores abrem mão de uma escrita rebuscada e formal, como a de um texto científico.

Alguns (poucos) dos alunos do curso de Psicologia corroboram a idéia apresentada acima, e chegam afirmar que tal escrita não é adequada a seu mundo: "Se houver excesso de abreviaturas compreendo com dificuldade, ou algumas vezes não compreendo, é como uma conversa entre ET.S" (R.B.)

Barbagalo (2001 apud JUSTI, 2006), cuja opinião é similar à da grande maioria das pessoas que foram entrevistadas, assim resume o seu entendimento sobre as características da "escrita digitada":

[...] a Internet é uma dimensão da escrita virtual, uma fala digitalizada e uma mescla das duas modalidades da língua. O conteúdo só interessa a quem escreve e a quem lê. Assim como é inútil tentar corrigir a língua falada, também é inútil tentar corrigir a língua escrita na web, porque ela é fugaz, efêmera e se dissipa no ar, porque sequer chega a ser impressa.

Nicola (2004 apud JUSTI, 2006) fala que para todo esse espanto com a nova roupagem tomada pela escrita, como é vista nas seguintes abreviaturas: aqui (aki), beijos (bjs), beleza (blz), cadê(kd), casa (kasa), comigo (cmg), com (c/), é (eh), fazer (fzr), Hoje (hj), hora (hr), mesmo (msmo), muito (mto), novidades (9dades), não (ñ ou naum), porque (pq), que (q), quando (qdo), também (tbm), teclar (tc), você (vc) dentre tantas outras, é simples de oferecer uma explicação. Para esse escritor, o medo do novo e o saudosismo fazem com que os homens rejeitem ou critiquem a *internet*, no entanto ele afirma que a sociedade pluralista é a ideal, pois cada um coloca e se ajeita da forma que sua visão de mundo permite.

### 3.2 INFLUÊNCIA DO “INTERNETÊS” NA PRODUÇÃO ACADÊMICA: OPINIÃO DE ESPECIALISTAS E ESTUDANTES

É justamente esse discernimento que faz o coordenador do curso de letras na UNIPAC, Heberth Paulo de Souza (2006), afirmar que tal processo é uma aprendizagem cumulativa e dinâmica e que essa linguagem nada mais é do que um produto, uma adaptação ao contexto dessas conversas rápidas dos *chats*. Segundo Dallari (2007 apud QUINTANILHA, 2007), nós exercitamos no dia-a-dia essa habilidade de “mudar o canal vocabular”. “Com os pais, os jovens não usam gírias que usam com os amigos, logo o “internetês” representa tanto perigo para o idioma quanto as linguagens dos guetos, como a dos *gays* ou dos surfistas. Ou seja, nenhuma”. Acrescenta que o que é peculiar à linguagem na *internet* é o fato de “oralizar” a linguagem escrita, que é mais formal por tradição.

Compartilhando dessas opiniões, o professor David Fazzolari (2007 apud FRANZOIA; GONÇALVES, 2007) argumenta que a curta existência da *internet* não justifica previsões pessimistas. As abreviaturas, os signos visuais e a ausência de acentuação representam apenas um jeito de se adaptar ao teclado, pois sua prática escolar revela quanto os adolescentes sabem que ela deve ficar restrita ao ambiente da rede; entretanto as dissertações poderiam ser bem melhores se a leitura fosse um hábito familiar.

Ao expor sua experiência com alunos que usam o “internetês”, a professora Maria Thereza de Freitas (FREITAS, 2007) afirma que seria importante os professores manterem contato com o mundo virtual. O objetivo principal desse contato é quebrar seus preconceitos e até entender a dinâmica da leitura e da escrita nesse contexto. Ela também acredita ser possível usar na sala de aula os “internetês” sem fragilizar as normas gramaticais.

A consultora e colunista de língua portuguesa da Folha de S. Paulo Thaís Nicoletti (2007 QUINTANILHA, 2007) acredita que os internautas simplificam a grafia das palavras pela aproximação com a fonética. Sua experiência de 20 anos no ensino médio a faz concluir que os erros ortográficos não são importantes, e para ela, “Língua é muito mais que ortografia”. Por exemplo, um aluno que escreve “esseção” em vez do correto “exceção” lança mão de algum conhecimento da língua para se arriscar numa grafia provável do ponto de vista fonético.

A Revista E do SESC, edição de fevereiro de 2002, afirma que com a *Internet* e todos os seus corolários tecnológicos houve uma espécie de renascimento da escrita, ressurgindo o comportamento epistolar digital ou “recaída” na palavra – segundo o escritor Fábio Lucas. Nunca se usou tanto a escrita como nestes tempos *on line*. De acordo com os discentes entrevistados, esses modos de escrever constituem “Mecanismos que possibilitam transmissões de idéias, no entanto são falhos quando descontextualizados” (J.Q); “Profundamente informal, mas que satisfaz a necessidade comunicativa dos usuários” (F.T.).

Na opinião do lingüista Marcos Bagno (2000 apud CONSOLARO, 2006), os sinais gráficos ou radicais abreviaturas comuns nesses textos se inserem em um cenário perfeitamente compreensível. As abreviações tentam ganhar tempo na comunicação digital, uma aproximação do tempo da fala real. Diz Bagno (2000, p. 28):

*A Internet* é uma escrita virtual, uma fala digitalizada, uma mescla das duas modalidades da língua. O conteúdo só interessa a quem escreve e a quem lê. Assim como é inútil tentar corrigir a língua falada, também me parece inútil tentar corrigir a língua escrita na *web*, porque ela é fugaz, efêmera e se dissipa no ar, porque sequer chega a ser impressa.

Em contraposição, há quem afirme ser essa grafia uma ameaça para o Português. O professor Antônio Marmo Cassoni (1999 apud ANDRADE, 2001), um dos discordantes, diz que a *Internet* está influenciando muito a língua e o mundo virtual já tem uma linguagem própria, por mais que a gramática tente segurar esse fenômeno, pois ela já aconteceu; e acrescenta que caminhamos para uma língua universal via computador e os usuários da *Internet* criaram e continuam criando códigos.

Lopes (2007 apud QUINTANILHA, 2007), professor da USP, acredita que a transposição de formas e vocábulos estrangeiros é, de fato, perigosa. “Com a *internet*, esses empréstimos se tornaram mais freqüentes, muito além do campo da informática”.

Um dos sujeitos dessa pesquisa concorda com esses teóricos, e afirma: “Esse tipo de escrita é muito abreviada, tanto que às vezes se torna chata e quase incompreensível” (G.T.); e acrescenta que é “uma linguagem altamente abreviada e com muitos erros, pois não existe a preocupação de acertar na escrita, o que está em jogo ali é muito mais o sentido da frase” (L.S.).

Em suma, podemos constatar que de um lado há quem afirme ser essa grafia uma ameaça para o Português, visto que limita o vocabulário do usuário, além de confundir as pessoas diante de uma situação que exija o uso gramatical da linguagem-padrão. Por outro, a grande maioria (é o que aponta esta pesquisa) afirma que no canal virtual as pessoas escrevem com liberdade e percebem que esta escrita pode ser aceita e entendida. A relação de dialogicidade do sentido não é rompida e eles se

comunicam, desfazendo a crença imposta, principalmente pelas instituições de ensino, de que apenas a notação escrita “correta” das palavras, conforme as regras, pode gerar sentido, interação, comunicação.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, o homem é evidenciado a partir da linguagem. Ele se imerge no mundo dos signos e imagens, identifica-se, universaliza-se e se eternaliza por meio desse sistema de códigos. Logo, com a linguagem o homem aumenta o leque de opções em sua atuação no meio social, pois é por meio dela que o sujeito é definido, tomando-se consciente de si mesmo e projetando um mundo no exterior.

A linguagem e a sua codificação são de fundamental importância para entender esse homem sociohistórico. A linguagem é dinâmica e capaz de acompanhar o homem ao longo da sua evolução; no entanto, esse homem mantém o instinto de preservação e prefere o conforto daquilo que é conhecido ao mistério de uma novidade. “Não consigo visualizar outro benefício nessa forma de escrever que não seja o de ser uma forma mais rápida de se comunicar” (J.L.). Como se vê, leva-se tempo até uma mudança de paradigma, sendo as pessoas dominadas por essa força invisível.

Este estudo pôde revelar que as pessoas conseguem discernir o espaço em que lhes é permitido o uso da escrita virtual, por isso reservam esse método novo de escrever para momentos informais e para se comunicar com pessoas que já tenham familiaridade com seus códigos; logo essa escrita deve ser vista como uma flexibilidade da linguagem.

A preferência por esses códigos na hora de transmitir a mensagem se deve ao uso das abreviações e dos ícones ou *emoticons*, imagens que substituem palavras. Essa nova forma de escrever se tornou mais uma espécie de lazer na contemporaneidade, pois as pessoas trocam conhecimentos e interagem com o “mundo inteiro”.

O *ciberespaço* permite a fácil difusão dos novos códigos que estão surgindo, visto que não existem fronteiras nesse terreno de interação. As pessoas que fazem uso da *internet* se familiarizam rapidamente com a nova escrita, logo o que é principal na comunicação é preservado: o entendimento da mensagem.

#### REFERÊNCIAS

ANDRADE, Leila, M. A escrita, uma evolução para a humanidade. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 1, n. 1, jul./dez. 2001. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0101/12.htm>> Acesso em: 16 jul. 2006.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARBOSA, Teresinha Pereira. Respeitando as diferenças, reflexão sobre variedades lingüísticas. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, ano XLII, n. 348, p. 7, jul. 2004.

BITTENCOURT, Ercília. A internet e o texto escrito: solução ou simplificação. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, Ano XLII, n. 351, p. 11, out. 2004.

BOCK, Ana Mercês Bahia et al. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13 ed. reform. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2002.

BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. Subjetividade: o sujeito e a dimensão subjetiva dos fatos. In: GONZÁLEZ REY, Fernando L. (Org). **Subjetividade, Complexidade e pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

CONSOLARO, Hélio. **Internet atrapalha a escrita e a leitura?** Disponível em: <[http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=polemica/docs/internet\\_leitura](http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=polemica/docs/internet_leitura)> Acesso em: 16 jul. 2006.

CAIADO, Roberta. A Notação escrita digital influencia a notação escrita escolar. **Alfabetização, Leitura e escrita**, Recife, n. 10, 2003.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Texto & Interação**. São Paulo: Atual, 2005.

COSTA, Iracilda Maria. A vida da palavra. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, Ano XLII, n. 343, p. 4, fev. 2004.

DEFILLIPPO, J. G. et al. O Discurso Construído nas Listas de Discussão: Uma Forma de Interação na Formação da Subjetividade. In: FREITAS, M. T. A.; COSTA, S. R. (Org.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FERNANDES, Olívia Paiva. A construção da escrita na internet e na escola. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, Ano XLI, n. 336, p. 5, maio. 2003.

FRANZOIA, Ana Paula; GONÇALVES, Antonio. **O Português.com**. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT384160-1664,00.html>>. Acesso em: 18 maio 2007.

MARIA THEREZA Freitas, da Universidade de Juiz de Fora, estuda a escrita e a leitura dos jovens. **Revista Nós da Escola**, n. 23. Disponível em [http://www.multirio.rj.gov.br/porta/riomidia/rm\\_entrevista\\_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=4&v\\_nome\\_area=Entrevistas&v\\_id\\_conteudo=9727](http://www.multirio.rj.gov.br/porta/riomidia/rm_entrevista_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=4&v_nome_area=Entrevistas&v_id_conteudo=9727). Acesso em: 10 dez. 2007.

- GONSALVES, E. **Iniciação à Pesquisa Científica**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2003.
- GONZÁLEZ REY, Fernando L. O Valor Heurístico da Subjetividade na Investigação Psicológica. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Subjetividade, Complexidade e pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- JUSTI, Jadson. **A Influência da Nova Linguagem Escrita da Internet na Educação**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/6777/1/A-Influencia-da-Nova-Linguagem-Escrita-da-Internet-na-Educacao/Pagina1.html>>. Acesso em: 01 dez. 2006.
- MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral; BRANCO, Ângela Uchoa. A noção de sujeito na ciência psicológica: linguagem e constituição da subjetividade em discussão. In: GONZÁLEZ REY, Fernando L. (Org.). **Subjetividade, Complexidade e pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- QUINTANILHA, Leandro. O que pode essa língua? **Porto Seguro**, São Paulo, Ano II, n. 10, p. 22- 30, 2007.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O Ato de Ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- SIMÕES, Robson Fonseca. A Linguagem no orkut e na sala de aula: desvelando um comportamento lingüístico dos jovens. **Teias**, Rio de Janeiro, ano 8, n. 15-16, p. 1-14, jan./dez. 2007.
- SOUZA, Dalva Soares Gomes de. **A Influência da Internet no domínio da escrita: análises e inferências**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção. Florianópolis. UFSC, 2001.
- SOUZA, Heberth Paulo. **A linguagem da internet**. Disponível em: <<http://www.unipac.br/publicacoes/artigos/hebert-souza2.php>> Acesso em: 16 jul. 2006.
- VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.